



## ANO DE CLARICE

*“No que escrevo só me interessa encontrar meu timbre. Meu timbre de vida.”*  
Clarice Lispector

Todos os anos, o Instituto Moreira Salles organiza um evento para celebrar o aniversário da escritora Clarice Lispector, nascida em 10 de dezembro de 1920. Esse evento recebe o nome de *A Hora de Clarice*, e esse é apenas um exemplo da intimidade com que ela é usualmente tratada entre nós. Não consigo me lembrar de nenhum outro autor que seja chamado assim, com tanta frequência e naturalidade, pelo primeiro nome. Quem é que se refere a Machado de Assis como Joaquim, a Guimarães Rosa como João, a Drummond como Carlos?

Tento entender as razões disso e, em um primeiro momento, relaciono o fato ao espaço de reflexão íntima que sua obra parece criar. Ler Clarice é de certa forma ouvi-la, permitindo-se pensar sobre si. É preciso ler com calma, sem pressa, para chegar ao fim – até mesmo porque o fim pode ser bem frustrante, pois parece que a maior aventura está no sentir, que acompanha o pensar no percurso da personagem.

Alguém pode estar se perguntando: “Como é que a Clarice veio parar em um texto publicado em uma revista voltada para alunos e profissionais de administração?”. A resposta é relativamente simples: porque ela pode nos ajudar no desenvolvimento de algo que vem sendo crescentemente demandado no mundo dos negócios – o autoconhecimento.

Vamos dividir essa reflexão em duas partes. Em primeiro lugar, é necessário entender de onde vem essa ênfase na necessidade de autoconhecimento para navegar no mercado competitivo e turbulento de nossos dias. Segundo, é necessário entender como a

leitura de Clarice (ou a literatura, de maneira geral) pode contribuir para esse processo.

Tem-se observado progressivamente padrões de trajetórias profissionais irregulares, com movimentações ocorrendo em ciclos cada vez menores entre áreas, organizações, setores e até mesmo fundamentos de carreira. Vemos artistas tornando-se empresários, executivos virando *chefs* de cozinha, especialistas dedicando-se a cursos fora de sua área para ampliar perspectivas e assim por diante. É um mundo não linear, cheio de oportunidades, mas também de exigências.

Entre as exigências que se colocam, há a crescente necessidade de dar sentido a cada decisão, buscando alinhá-la com os motivos, os valores e as necessidades que caracterizam diferentes propósitos de vida. O risco de não ter clareza é transformar a navegação nesse cenário de intensa mudança em uma errância.

Com isso, vem a questão: como tornar claro esse eixo de articulação da vida? Observar-se em profundidade certamente contribui para isso, mas está muitas vezes sujeito aos vieses de quem observa e pode não ser suficiente. Entendo que a leitura pode ser um poderoso instrumento auxiliar para esse processo, que não é o de descoberta de algo preexistente, mas o de construção.

Autoconhecer-se é, no limite, autoconstruir-se.

Com isso voltamos à Clarice. Como parte da celebração dos 100 anos de seu nascimento, vale a pena retomar suas crônicas, contos e romances e se integrar a esse espaço íntimo de reflexão sobre as coisas que nos movem. Ler pausadamente, permitindo que sua fala nos instigue à reflexão e ganhando com isso momentos de uma felicidade que não é clandestina. Isso possivelmente permitirá que encontremos aquilo que a própria Clarice dizia, em uma anotação pessoal, procurar ao escrever: nosso timbre de vida. Boas leituras!

VALE A PENA RETOMAR  
A LEITURA DESSA  
ESCRITORA NASCIDA  
HÁ 100 ANOS COMO  
INSPIRAÇÃO PARA  
O CAMINHO DO  
AUTOCONHECIMENTO,  
TÃO URGENTE NOS  
DIAS DE HOJE.